

S. MARTINHO DE DUME

*“O Senhor deu-lhe a palavra no meio da assembleia,
Encheu-o com o espírito de sabedoria e inteligência
E revestiu-o com um manto de glória”.*

Esta antífona da entrada, retirada de um dos livros da Sagrada Escritura (Ben Sirá ou Eclesiástico), sintetiza bem o que a Igreja tem a dizer sobre este seu ilustre filho que celebramos aqui, em Dume, precisamente no local onde ele mais alto subiu, quer na santidade, quer na evangelização, e que, por isso, se viria a associar ao seu nome. Aqui, onde a fé por ele desassombradamente proclamada lançou raízes que perduram há quase milénio e meio e que sustentam e alimentam o vigor desta árvore frondosa e de frutos que a graça de Deus faz saborosos, que é a nossa Igreja bracarense.

Gostava, nesta reflexão, de fazer notar três ideias principais, aliás, retiradas deste mesmo versículo.

1. A palavra e a assembleia

“O Senhor deu-lhe a palavra no meio da assembleia”

Aplicada a S. Martinho de Dume, esta expressão sintetiza, simultaneamente, o seu papel de condutor de pessoas e a sua proeminência intelectual. Mas constitui também a afirmação de que o verdadeiro evangelizador não se apoia em qualquer segurança ou outra técnica –sempre manipulatórias- que não seja a força da claridade da Palavra de Deus.

É para aqui que aponta o sentido profundo das leituras deste dia. Quanto o Profeta Ezequiel nos garantia que Deus cuida das suas ovelhas, é, obviamente, no sentido de que as orienta com a sua palavra, reveladora da sua intimidade. Por isso, o salmista demonstra confiança e professa que o Senhor é um Pastor que não deixa que falte orientação para a vida de quem se dispõe segui-LO. E S. Paulo volta a insistir que constitui missão essencial do ministro da Igreja alimentar o povo com a Palavra da verdade: *“Tornei-me ministro da Igreja em virtude do cargo que Deus me confiou a vossa respeito”*. Qual? O de proclamar. No Evangelho, é a própria autoridade de Jesus quem garante que a Palavra de Deus é realidade incontornável: *“Antes que passem o céu e a terra, não passará da Escritura a mais pequena letra ou o mais pequeno sinal sem que tudo se cumpra”*. E é quando se vive desta Palavra de Deus que o crente, mesmo que não deseje especiais protagonismos, se coloca como sal da terra e luz do mundo.

Como sabemos, esta nossa Arquidiocese centra o presente ano pastoral na Palavra de Deus que chega até nós: “*Acolhemos a Palavra*”, é o mote proposto. Os povos rudes e bárbaros que escutaram a mesma Palavra de Deus, proclamada por S. Martinho, acolheram-na e converteram-se. E nós e a nossa sociedade contemporânea? Seremos mais duros de ouvidos e coração que esses povos bárbaros? Fique a pergunta a incomodar-nos.

2. A inteligência e a fé devem caminhar juntas

“Encheu-o com o espírito de sabedoria e “inteligência

Um dos aspectos que mais chama a atenção no santo bispo de Dume é o seu universalismo: encontramos-lo no Oriente, em Roma, na França e aqui, nestas terras de Entre Douro e Minho e na Galiza. E relaciona-se, com naturalidade, com as várias classes sociais: com o povo simples –os tais “rústicos”, para cuja correcção intelectual e moral compôs uma das obras mais conhecidas da antiguidade-, com os eclesiásticos, com os nobres e até com os reis, como é o caso de Charrarico, rei dos Suevos. Homem livre, não conhece limites à evangelização: a todos se dirige, mormente aos que andavam mais afastados da verdade da fé.

Obviamente, para esta condução de pessoas foi determinante a sua excelente preparação intelectual. Era portador de uma tal bagagem cultural que mereceu a um dos maiores pensadores da sua época –Santo Isidoro de Sevilha- a qualificação de “*ilustre na fé e na ciência*”. Vale a pena pensar nisto.

Sim, a fé pode subir à mesma altura da ciência e vice-versa. E até reclamarem-se mutuamente. Entre uma e outra não há oposição. É falso pensar-se que fé e ciência funcionem como pratos de uma mesma balança: que para um subir é necessário que o outro baixe ou desapareça. É falso! E perigoso! Pelo contrário, o despojamento interior das nossas auto-suficiências é que cria a pré-disposição para que os conhecimentos cheguem até nós e sejam assimilados a partir do íntimo. É o caso da criança: porque não pode confiar no seu (quase nulo) saber, abre-se, com a mesma naturalidade, à curiosidade da ciência e ao encanto de uma fé que é confiança, experiência de intercâmbio amoroso, descoberta de sensatez.

Sabemos bem que uma das frentes em aberto, nos nossos dias, é precisamente esta da necessária conciliação da ciência com a fé. Cientista que cresça no campo da ciência, desprezando o da fé, torna-se um dominador de técnicas e até um intelectual, mas não um verdadeiro sábio; crente que enverede por um pietismo que não cultive a inteligência da fé e o conhecimento das realidades humanas, será, porventura, uma pessoa religiosa, mas nunca atingirá a estatura de um místico ou de um evangelizador. E até corre um perigo maior que se pode dizer com todas as letras: o de se tornar um inútil para Deus e para a Igreja.

Nesta linha de ideias, quero felicitar os responsáveis que, por motivo desta celebração litúrgica, organizaram a «Semana Cultural» de Dume. E ousou pedir a todos, mormente aos estudantes –de uma forma especial, aos universitários- que no seu processo de formação ao longo da vida numa esqueçam nem desprezem esta atitude de despojamento interior para que possam preencher esse espaço com

os dados da fé e da ciência, ao fim e ao cabo as duas dimensões exclusivamente humanas e que, como tal, fazem da pessoa não só **melhor** pessoa, mas **mais** pessoa.

3. A santidade como condição natural do crente

“Revestiu-o com um manto de glória”

No sentido da declaração formal por parte da Igreja, ninguém nasce santo ou candidato a santo. Mas em sentido ontológico, sim: pelo baptismo, participamos da vida nova, da nova criação, do homem novo nascido no mistério pascal de Cristo. Somos enxertados em Cristo como a vara na videira. Por isso, trazemos inscrito no DNA da nossa vida crente a marca genética da santidade: a assimilação ou fusão da nossa existência com o próprio ser de Deus, até àquele limite indicado por Jesus: *“Sede santos como o Pai celeste é santo”*.

Quando se fala em santidade, a exemplo de S. Martinho de Dume, o que há sempre é uma vida cuja opção fundamental é caminhar, com a determinação possível, na direcção de um Deus que se nos dirige, que deu o primeiro passo para vir até nós. E há ainda o não querer caminhar sozinho, mas incentivar os outros a fazer percurso na mesma via da aproximação a Deus. O que assim faz, é o tal que é revestido de um “manto de glória”. Glória que transcende a fama efémera dos aplausos da multidão acicatada pelos meios de comunicação de massas, mas que perdura para sempre, pois provém e é participação na glória do Deus da eternidade, do mistério do eterno permanente, que não depende dos estados de humor.

Eis, caros cristãos, a nossa tarefa, hoje: partir da vocação baptismal à santidade para chegar à opção fundamental de uma vida cujo sentido último é o mistério de Deus e para cujo abraço nos lançamos alegremente em conjunto com os irmãos que, de forma livre, aceitem a aventura desse acto de amor. É disto que o mundo necessita. E que anseia, mesmo que pareça demonstrar o contrário. Se assim não fosse, que razão justificaria que tantos gastem tinta e tempo a «meterem-se» com Deus? Não será porque, para eles, Deus constitui um problema não resolvido? Deus... e o homem. Porque, verdadeiramente, não temos acesso ao mistério profundo do homem sem a iluminação que advém do plano do seu Criador. Não vislumbramos quem é o homem, sua dignidade e seu valor, e não encontramos resposta às questões da sua origem, razão de viver e destino. O velho salmista já o havia pressentido: *“É na vossa luz, Senhor, que vemos a luz”*.

É por isso que a santidade nem é ultrapassada nem está fora de moda. Ela é a verdade da existência. Ontem, hoje e sempre. É mentira que o sentido da vida humana se encontre no isolamento individualístico auto-suficiente. É mentira que se posso colocar no novo culto das personalidades dos ídolos do momento, sejam estes os detentores dos vários poderes, os intelectuais da moda, os jogadores afamados ou os actores mais aplaudidos. O sentido da vida não se encontra na ditadura do efémero que, como na serpente da mitologia clássica, produz tecnologia para ser devorada pela tecnologia que se lhe segue. Mas é verdade que o sentido da vida se encontra na adequação livre do homem à sua origem e ao seu

destino transcendente, que é o Deus “três vezes santo”. Por isso, a santidade é bem actual. A santidade está sempre de moda.

E não se diga que não podemos ser santos no nosso tempo. Não tenhamos dúvidas: este, o nosso, é bem melhor que o tempo que foi dado viver a S. Martinho. Esse, sim, era rude, bárbaro, incivilizado, cruel, herético, em muitos aspectos, verdadeiramente animalesco. Desde então, graças, em larga medida, à fé que ele pregou, subimos muitos pontos na escala da humanização. Ora, se nesse contexto, ele e muitos outros puderam seguir pelas vias da evangelização e da santidade, porque não podemos nós, hoje, que temos as coisas bem mais facilitadas?

Que, do convívio face a face com Deus, o nosso Padroeiro, S. Martinho de Dume, nos obtenha um espírito de sabedoria e inteligência que nos faça compreender e amar a grande via que merece ser seguida, individual e colectivamente: a da santidade. E também que, neste ano sacerdotal, nós, bispos e sacerdotes, actuais pastores, ponhamos os olhos neste insigne Pastor e lhe imitemos a coragem intrépida, a sabedoria da inteligência e a dedicação à tarefa primordial da evangelização.

+ Manuel Linda